

CORREIO BASTIDORES

POR
FERNANDO MOLICA

Reprodução/Redes sociais



Malafaia e Nikolas no ato da Avenida Paulista

Discursos radicais na Paulista assustam setores do Centrão

O tom agressivo de discursos de alguns dos participantes do ato de domingo na Avenida Paulista deixou preocupadas lideranças do Centrão que discutem o apoio à pré-candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) à Presidência da República.

Os casos mais ressaltados são o do pastor Silas Malafaia e o do deputado Nikolas Ferreira (PL-MG), que fizeram duras críticas a ministros do Supremo Tribunal Federal, especialmente, a Alexandre de Moraes.

Para integrantes do Centrão, a dureza de algumas falas é boa para animar a torcida, mas complica a ideia de bolsonarismo moderado sugerida por Flávio e dificulta conversas com setores menos radicais.

Pastor: 'Moraes foi comprado'

Em sua fala, Malafaia chegou a dizer que Moraes "foi comprado" — isto, pelo contrato milionário assinado por sua mulher, a advogada Viviane Barci de Moraes, com o Banco Master.

Para o pastor, Moraes e seu colega Dias Toffoli tinham que estar afastados do STF, pois "não têm moral para julgar ninguém". Ferreira disse que o lugar de Moraes "é na cadeia" e o chamou de "pateta" e de "panaca"

Reprodução/Redes sociais



Flávio Bolsonaro disse que subirá a rampa ao lado do pai

Morde e sopra

Para parlamentares do Centrão, a estratégia ficou evidente: os organizadores terceirizaram as críticas mais pesadas para Malafaia e Ferreira enquanto Flávio assumiu um papel mais moderado, criticou o STF, mas sem ofender ministros.

O problema, ressaltam, é que essa alternância dificulta conversas e estimula uma radicalização por eles vista como desnecessária, já que a extrema direita está com Flávio. O desafio do primogênito de Jair Bolsonaro é o de conquistar o voto mais ao centro, menos radical.

Sem pressa

O comício da Paulista acrescentou mais um pouco de desconfiança em relação a alianças com o PL.

A insistência de Jair Bolsonaro em impor seus candidatos nos estados reforça a ideia de que ele não busca acordos, mas apoiadores, e não aceita dividir poder.

Por via das dúvidas, o Centrão prefere ir com cautela, sem afobação: as conversas deverão ser mais esticadas.

Meio mundo

Em entrevista à Band, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, verbalizou o que tudo mundo já imaginava: uma CPI que investigue o Banco Master tem o poder de "pegar meio mundo". Segundo ele, é este o motivo que faz o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), evitar que a comissão seja instalada.

Inspiração

Incluído ontem na lista de advogados de Jair Bolsonaro, Flávio repete o estratagemma usado por Fernando Haddad, então candidato à Presidência, para ter livre acesso a Lula, então preso em Curitiba. Na condição de defensor do pai, o senador direito de se reunir com o pai fora dos horários de visita.

Mais problemas

Nem deu tempo de exportadores brasileiros comemorem a decisão da Suprema Corte norte-americana que derrubou tarifas impostas por Donald Trump a produtos importados. A guerra promovida pelos Estados Unidos e Israel contra o Irã tende a complicar o comércio do Brasil com o Oriente Médio.

Bilhões

Dados oficiais mostram que, no ano passado, o Brasil exportou um total de US\$ 16,1 bilhões para os países da região, o que representou 4,6% das nossas vendas para o mercado internacional. O Irã ficou em terceiro lugar entre os compradores, atrás dos Emirados Árabes Unidos e da Arábia Saudita. Israel foi o sexto colocado.

Setor primário

A pauta de exportações para os 16 países listados pelo governo na região reproduz, em linhas gerais, o padrão de um Brasil cada vez mais dependente do agronegócio: carnes de aves, milho, açúcares e melaço, carnes bovinas e soja. Importamos petróleo e derivados e adubos ou fertilizantes químicos.

Exportador de ração

A balança comercial com o Irã foi bem favorável ao Brasil em 2025. Os país exportou um total de US\$ 2,9 bilhões e importou apenas US\$ 84 milhões. Vendemos, principalmente, produtos que são destaque da agricultura daqui: milho e soja, usados, principalmente, na alimentação de animais.



Lula quer Alckmin e Haddad no xadrez paulista

Lula acerta eleição em SP com Alckmin e Haddad

Presidente vai se reunir com a dupla para detalhar papeis

Por Beatriz Matos

A passagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) por São Paulo nesta terça-feira (3) vai além das agendas oficiais. Entre a visita à fábrica da Bionovis, em Valinhos, e a participação na II Conferência Nacional do Trabalho, na capital, o presidente pretende aproveitar a presença de dois de seus principais aliados no estado: o vice-presidente Geraldo Alckmin e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, para discutir o desenho eleitoral de 2026.

A conversa deve ocorrer ainda em solo paulista. Haddad e Alckmin já estão no estado desde o fim de semana e retornam a Brasília na noite de terça-feira, assim como Lula. O encontro ocorre em um momento em que o presidente busca evitar fragilidade no maior colégio eleitoral do país, historicamente resistente ao PT.

Nos bastidores, Lula já sinalizou que deseja ver Haddad e Alckmin exercendo papéis centrais na disputa estadual, seja ao governo de São Paulo, seja ao Senado. A lógica é clara: montar um palanque competitivo que reduza perdas e amplie a presença governista em território estratégico para a eleição presidencial.

Haddad tem afirmado que não há decisão tomada sobre candidatura. Alckmin, por sua vez, mantém discurso cauteloso:

so: diz que pode atender a "pedidos especiais" do presidente e ajudar "em qualquer posição", embora também já tenha indicado que não pretende disputar outro cargo se precisar deixar a vice-presidência.

Para o professor Jackson De Toni, do Ibmecc Brasília, a movimentação revela uma estratégia sofisticada.

"A possível decisão de Lula lançar Fernando Haddad ao governo de São Paulo e Geraldo Alckmin ao Senado indica uma estratégia de dupla camada no maior colégio eleitoral do país. De um lado, Haddad encarna o enfrentamento direto ao bolsonarismo paulista, nacionalizando a disputa estadual e mobilizando o eleitorado progressista. De outro, Alckmin funciona como fiador de moderação, preservando canais com o centro político e com setores empresariais que resistem à polarização. O arranjo combina confronto programático com ampliação de coalizão."

A aposta, porém, não é isenta de riscos. O cientista político Leandro Gabiati avalia que o governo parte de um cenário adverso. "O primeiro ponto é o governo saber que perderá em São Paulo em relação à oposição. Então, o que o Lula tenta fazer é montar o melhor palanque possível para justamente perder de menos, por assim dizer, ou ter uma diferença menor quanto possível."